



## Escrita em língua Juruna: desafios e parcerias

Cristina Martins Fargetti (Universidade Metodista de Piracicaba)

### 1. INTRODUÇÃO

Os juruna vivem no Mato Grosso, no Parque Indígena Xingu, próximos à foz do Manitsawá e à BR-80. Sua população, segundo censo da autora em julho de 2001, é estimada em 241 pessoas. São todos falantes da língua indígena, sendo os homens falantes do português também, língua franca no Parque.<sup>1</sup>

Desde 1994 contam com uma ortografia em língua juruna, proposta após o estudo de Fargetti, 1992, uma primeira análise fonológica da língua. A ortografia está em uso no ensino bilíngüe nas escolas juruna e apresenta poucos problemas na sua utilização pelo falante da língua por ter sido elaborada justamente em uma parceria entre lingüista e falantes. Sem uma proposta baseada em estudo lingüístico, a escrita poderia surgir de uma mera adaptação da ortografia do português, e sem a participação do falante nas decisões, a ortografia seria abstrata demais e pouco eficiente para o fim a que se propõe. Assim, atribui-se o sucesso da aquisição da escrita em juruna não ao trabalho único da lingüista, mas à parceria estabelecida com os falantes.

A seguir, serão feitas algumas considerações sobre o atual ensino bilíngüe entre os juruna, sua produção escrita em sua língua e marcas notadas do sistema ortográfico do português na escrita juruna e marcas do sistema fonológico do juruna na fala em português.

### 2. UM SOM CHAMADO "IMEUBÁ"

Segundo autores como Auroux (1992), a reflexão metalingüística só ocorre entre um povo após o advento da escrita. Realmente, podemos observar entre os juruna discussões a respeito de sua língua a partir do momento em que começaram a tentar transpô-la para o papel. Num primeiro momento, ao observar os sons, notaram que não havia em português a oclusiva glotal; propuseram para ela então o nome "imeubá". Segundo dizem, o sentido da palavra é só esse 'o som da oclusiva glotal'. A iniciativa da denominação e a escolha do termo partiram dos próprios professores juruna quando decidiram transpor o alfabeto juruna para o código de rádio. Esse código já era utilizado na alfabetização em português para soletrar palavras.

<sup>1</sup> A respeito do bilingüismo das mulheres veja-se Fargetti, 2001.

Como há rádio amador nas aldeias, o conhecimento do código sempre mostrou-se necessário. Para a comunicação em juruna via código, certas adaptações foram feitas, entre elas, a inclusão de "imeubá".

Além disso, em julho de 2001, os professores levantaram a dúvida esperada há muito: como escrever as nasais da língua? Como em toda vogal nasal estão usando til, observaram que há palavras com muitos tís e pediram à lingüista uma alternativa. Foi explicado a eles o que ocorre em sua língua: somente uma vogal é intrinsecamente nasal e passa sua nasalidade às demais da direita para a esquerda. Assim, uma palavra como 'ẽ'ã "morrer" pode ser escrita 'e'ã, com o til somente no **a**, pois é ela a vogal realmente nasal. A princípio os professores aceitaram, mas a alternativa pareceu abstrata demais, pois voltaram a usar todas as nasais. A lingüista não interferiu pois os sistemas de escrita não são unicamente fonológicos. Há muito traço fonético, inclusive em nosso sistema. O lingüista não deve ter um posicionamento intransigente, de quem é o dono da verdade, pois é o falante da língua o usuário do sistema de escrita e ele tem também suas intuições que devem ser respeitadas. Tanto é verdade que Mahurimã, um jovem que estudava em São José do Xingu e que acompanhou o trabalho na escola em julho de 2001, sem interferência da lingüista, levantou-se, foi ao quadro negro e começou a escrever em sua língua. Procurava pares mínimos (sem que se tivesse falado nisso !) para vogais nasais. Escreveu: **ikĩ** "rezar", **ikĩ** "perna dele".

Ele mesmo, Mahurimã, prosseguiu na lousa tratando de outra questão complicada: as vogais longas. Os juruna mesmos resolveram escrevê-las. Mahurimã escreveu na lousa: **Kahu de ?** "Amanheceu ?", **kaahu** "lá longe". Ele e os professores discutiram a respeito disso. Foi dado incentivo para a iniciativa deles de usar duas letras para simbolizar as vogais longas, o que até então não era feito .

Apesar de vez ou outra surgirem discussões a respeito da marcação ou não dos tons, afinal a língua é tonal, até o momento a decisão é pela não marcação, uma vez que marcar os tons causa mais problemas às crianças em alfabetização do que propriamente uma distinção válida.

### 3. O DOUTOR NÃO ENTENDE NOSSOS NOMES...

Há numa das vigas da escola três cartazes com os nomes dos alunos de cada professor. Alguns dos nomes apresentam letras da ortografia do português, numa influência do sistema de escrita da língua dominante no sistema da língua indígena. Por exemplo, foram escritos os nomes **Kumadiwa**, **Kurewadi** e **Tanadi**, em que faltou o **j** depois do **d** . Tal omissão existe no sistema de escrita do português, pois não escrevemos **dja**, **ardji-**

**da**, e sim **dia**, **ardida**. Isso porque para nós o som **dj** só ocorre com a vogal **i**, ele é portanto mera variante de **d**, não muda o significado da palavra. Mas no juruna a coisa não é assim. O som **dj** é distintivo, representa um fonema da língua, ou seja, ao ser substituído, causa uma mudança de sentido. Por exemplo, **edá** significa "saúva vermelha" e **edjá** significa "sua mãe". Portanto, para as palavras com o som **dj**, em juruna, seria interessante continuar mantendo a ortografia em uso.

Outro exemplo são os nomes **Chibidu**, **Tachabi** e **Chana**, escritos com **ch**, como palavras do português com esse som, mas que pela ortografia do juruna em uso deveriam ter sido escritas com **x**. Também nesse sentido são as escritas de **Yassariku** e **Marrurimã**: ambas apresentam as letras dobradas, **ss rr**, existentes no português mas que não existem no sistema de escrita juruna (no primeiro caso seria um **s** só e no segundo a letra **h**).

Diante disso, foi feita uma discussão com os professores sobre a grafia dos nomes. As crianças foram registradas dessa forma ou não? Se não foram, seria conveniente observar a ortografia da língua na hora de escrever os nomes, pois isso fortalece a escrita na língua e além disso pode significar afirmação da identidade juruna. A discussão foi somente iniciada, deve ser levada adiante, inclusive a agentes de saúde não índios que, segundo relatos, pouco respeitam a escrita das línguas indígenas, aportuguesando propositalmente os nomes, ou dando apelidos aos índios.

#### 4. "VAMOS NA ISCULA ?"

Para os que trabalham com os juruna no projeto de formação de professores do Xingu (promovido pelo ISA e apoiado pelo MEC), entre eles matemáticos, geógrafos, médicos, dentistas, enfermeiros, é interessante saber que a fala e escrita dos juruna em português têm marcas da fonologia da língua juruna. Reconhecer este fato seria mais interessante do que assumir que os juruna "não conseguem falar e escrever em português direito". Com relação à escrita e fala em português nota-se o que segue:

1) Troca de **u** por **o**: há uma explicação clara para isso: não há o fonema / o / em juruna, portanto os falantes podem pronunciar uma palavra com os sons [ u ], [ o ] e até [ ɔ ], indistintamente. E assim como pronunciam também escrevem. Há alguns anos atrás Adjiha pronunciava [ s'kula ] para "escola". Hoje a troca permanece inclusive na escrita. Mahurimã, por exemplo, escreveu: ARARAJOBÁ (para ARARAJUBA) e escreveu CUROJA (para CORUJA).

2) Troca de **g** por **q**: em juruna não há o fonema / g / e nem mesmo o som [g]. Portanto ou os falantes tentam hipercorrigir usando **g** onde seria **q**, **c**, ou usam **q** como se fosse o som [ k ] de sua língua. Por exemplo, Tarinu escreveu MARACANÃ QUAÇU (para MARACANÃ GUAÇU), e Mahurimã escreveu PAPACAIO (para PAPAGAIO).

3) Tarinu e outros dizem [ ' fɔsa ] para "roça". Isso se deve ao fato de que em juruna o som correspondente ao nosso R ter alofonia com a fricativa bilabial surda [ φ ], que se assemelha ao nosso [ f ]. Tal som só ocorre em juruna com o som [ u ] ou [ o ], ou seja, com o fonema / u / . Portanto, toda vez em que há o som [ u ], [ o ] ou [ ɔ ] com R em português, os juruna tenderão a pronunciar o R como um F.

### 5. CONCLUSÃO: OS POETAS E A LÍNGUA

O ensino bilíngüe nas aldeias do Xingu é visto pela maioria dos índios como algo válido, como uma alternativa ao ensino nas escolas de caraíbas no entorno ao parque. Afinal, as crianças e jovens que deixam suas aldeias e vão estudar na cidade ficam expostas à discriminação, às drogas e à prostituição, além de não apresentarem um desempenho melhor do que aqueles que sempre estudaram no parque.

A versatilidade dos professores juruna demonstra que o ensino da língua escrita na escola não segue necessariamente a metodologia da "escola caraíba", da escola dos não-índios. Além disso, para o temor de que a língua escrita venha a destruir a oralidade, provocando, inclusive, a extinção da língua juruna falada, há ao menos duas evidências de que ele seja infundado. Em primeiro lugar, escrever textos em língua juruna trouxe para os mais jovens o interesse de ouvir os mais velhos contarem mitos, histórias antigas. Descobriu-se que as histórias escritas eram sempre reduções, adaptações daquilo que é vivo e dinâmico na fala e com isso valorizou-se a fala também. Em segundo lugar, os juruna escrevem hoje, inclusive, poemas em sua língua e poetas jamais anunciam a morte de sua língua, mas sim a sua plena vitalidade.

### BIBLIOGRAFIA

- Auroux, S. (1992) *A revolução tecnológica da Gramatização*, Campinas: Ed. da Unicamp
- Fargetti, C.M. (2001) *Estudo Fonológico e Morfossintático da Língua Juruna*. UNICAMP (tese de doutorado)

- \_\_\_\_\_. (1992) *Análise Fonológica da Língua Jurúna*, UNICAMP (dissertação de mestrado)
- seki, L. (2000) *Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. Impulso*. Piracicaba : UNIMEP. Volume 12.

26